

**FIDELINO DE FIGUEIREDO:
COMPARATIVISMO E FRONTEIRAS***

Tânia Franco Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*“Aqueles pátrias americanas compõe-se de
Pátrias pequeníssimas incomunicadas”.*

Fidelino de Figueiredo

O crítico americano Samuel Putnam, em *"Fidelino de Figueiredo or Lhe Scholar and Lhe City"* (1937), observa que, nos estudos de literatura comparada, haveríamos sempre de evocar os nomes de E. R. Curtius, na Alemanha, de Farinelli, na Itália, de Baldensperger, na França, e de Fidelino de Figueiredo, em Portugal.¹

Com efeito, na história do comparativismo a contribuição de Fidelino de Figueiredo não pode ser esquecida. Ao contrário, no confronto com outros textos importantes nesse trajeto, o caráter precursor de seus escritos avulta. O leitor identifica neles, de imediato, a intenção de aliar o interesse histórico, corrente em seu tempo, com uma atitude crítica ainda não de todo difundida nos estudos de literatura comparada da época. À orientação comparativista, de cunho histórico, ele incorpora a preocupação com o fenômeno literário em si e com as demais formas de analisá-lo.² Por isso mesmo,

* Uma primeira versão, reduzida, deste trabalho foi apresentada no 1º Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada em francês (Lisboa, março de 1989), sendo editada nos Anais daquele Congresso com o título de "Comparatisme et Frontières - le cas de Fidelino de Figueiredo", pp. 88. ss.

¹ Apud Claus Clüver, "Documents in the History of Comparative Literature" in: *Yearbook of Comparative and General Literature*, Indiana University, n° 34 - 1985.

² Fidelino de Figueiredo inicia sua vasta produção com estudos como "O Espírito Histórico" e a *História da Crítica Literária em Portugal*, em 1910. Em 1924 já tinha ele publicado não só os quatro volumes de *Estudos de Literatura* (o quinto aparecerá em 1950) mas também os 5 volumes de uma *História da Literatura Portuguesa*, projeto a que retornou nos anos 30. Sua intensa atividade como investigador, que inclui a fundação e a direção da *Revista de História* (1912-28), levou-o a inúmeros cargos acadêmicos e administrativos, sendo duas vezes Diretor da Biblioteca Nacional, em Lisboa, e por um ano representante no congresso português. Deportado por razões políticas em 1927 e exilado por dois anos, iniciou uma carreira internacional que lhe deu postos acadêmicos na Universidade de Madri (1927-32) e, a partir de 1938, no Brasil, onde ocupou a cátedra de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo até 1953, tendo sido Professor Visitante no México, na Universidade de Colúmbia, em Stanford e em Berkeley, nos Estados Unidos. Em numerosos ensaios ocupou-se da função da cultura e do papel do intelectual na

já em seu livro *A Crítica literária como ciência*, de 1912, atenta para a obra pioneira de Macaulay Possnet (1886), leitura que aproveitará na elaboração de seu curso sobre "*história comparada das literaturas portuguesa e espanhola*", ministrado na Universidade de Colúmbia, em 1931, e cujo programa será publicado no número da *Revue de Littérature Comparée*.

As noções que desenvolve nesse curso fundamentarão ainda o livro *Pyrene*, publicado em 1935, com o subtítulo explicativo de "*ponto de vista para uma introdução à História Comparada das Literaturas Portuguesa e Espanhola*". Não será outro, também, o ângulo de análise que adotará na obra *As Duas Espanhas*, de 1932.

Se a tendência comparativista caracteriza vários textos de Fidelino de Figueiredo, ela impregna também sua atuação docente. Na Universidade de São Paulo, onde lecionou Literatura Portuguesa de 1938 a 1953, orientou a primeira tese de literatura comparada, o estudo de Keera Stevens sobre os viajantes ingleses em Portugal.³

Ao estudar as literaturas portuguesa e espanhola tinha ele, sem dúvida, uma compreensão ampla do literário, histórica e crítica, e, embora se ocupasse com as especificidades de uma e de outra e as confrontasse, não as entendia como encarceradas em fronteiras fixas mas delimitadas como "*fronteiras vivas*", para empregar uma de suas expressões.

São aspectos como esse que despertam hoje o interesse comparativista por sua obra e nos levam a resgatar certas noções para que elas ganhem a merecida continuidade. Há, por certo, que ler a obra de Fidelino de Figueiredo no seu tempo, atentando para os conceitos teóricos de que dispunha. Mas, ao assumirmos diante dela a postura crítica atual, não podemos deixar de perceber a importância que tem para a história do comparativismo literário em língua portuguesa, como documento de reflexão que prolonga as preocupações de Teófilo Braga e antecede os estudos de Jacinto do Prado Coelho, dois nomes de necessária lembrança no contexto português.

sociedade moderna, refletindo-se essas preocupações nos títulos de textos como *Menoridade da Inteligência* (1933) e *O dever dos intelectuais* (1935).

³ Apud Antonio Candido, "Palavras do Homenageado" in: *Anais do 1º Congresso da ABRALIC*, v. 1, Porto Alegre, 1988.

COMPARATIVISMO E FRONTEIRAS

A associação dos termos *comparativismo* e *fronteiras* não é intencional: acentua aqui o significado que a questão dos limites, políticos e/ou lingüísticos, tem nos estudos de literatura comparada. Quer simultaneamente evocar que o autor explorou essa noção em *Pyrene*, livro essencial para o conhecimento do processo de formação das literaturas portuguesa e espanhola.

É ao mito de *Pyrene*, cuja lenda está ligada à conformação da cadeia de montanhas que separa Portugal da Espanha, que Fidelino de Figueiredo recorre para explicar não só o que há de comum a essas literaturas mas o que as distingue. Nesse sentido, o mito ganha uma dupla significação: tem o caráter emblemático daquilo que separa mas, por alusão ao seu avesso, é também símbolo do que une.

Vale-se o autor do mito para recompor as características primevas das duas culturas que se refletem, mais tarde, nos traços fundamentais das literaturas que as expressam, assegurando a tipicidade de cada uma. Retoma, em *Pyrene*, a preocupação de explicar as características da literatura portuguesa (título de um de seus livros, de 1923) em confronto com a espanhola. Ao lidar com os processos de formação das duas nacionalidades no contexto histórico, quer dizer, com a constituição das fronteiras, percebe as inter-relações que se restabelecem, os contágios que se efetuam, além fronteiras.

Seu mérito maior, em *Pyrene*, é o de associar a reflexão de fundo histórico com a perspectiva crítica cuja atenção volta-se para o literário, tendo em conta suas dimensões estéticas e mesmo formais. Assim, a relação entre história e crítica literárias se converte no problema básico de seu livro.

Pyrene é sobretudo o trabalho de um historiador. Mas é também a expressão de um espírito crítico. Sua concepção de crítica, reiterada ao longo de vários textos, se traduz em uma postura da inteligência e na expressão de uma impessoalidade diante do mundo. É uma atitude, uma maneira de organizar as idéias dominantes no objeto em análise. Criticar, para ele, é avaliar, exprimir um juízo de valor, na seqüência da inserção do fato em seu contexto histórico. Portanto, a reedição de seu livro *As Duas Espanhas* em 1943, no Brasil, em conjunto com *Pyrene* alude à complementação que um proporciona ao outro, à aglutinação dos estudos históricos e literários que o autor buscava realizar.

A análise do mundo peninsular, objeto central das duas obras referidas, tem, para Figueiredo, dois objetivos essenciais: de um lado, quer recuperar o espírito europeu, ou melhor, românico, que está na origem das duas literaturas; de outro, quer afirmar os traços particulares de cada uma delas. A história política e social da Península lhe fornece, então, os elementos de que necessita para atingir seus objetivos, convertendo-se, igualmente, nos recursos de um instrumental crítico que o ajuda a estudar a migração de gêneros e de temas além das fronteiras nacionais.

É, enfim, um duplo movimento que o autor tenta articular na exegese dialética, caracterizada simultaneamente pela agregação e pela desagregação. O primeiro impulso se identifica através das semelhanças que atestam a existência de um fundo comum às duas literaturas, o segundo se expressa pelas diferenças que separam, ao distinguir.

Em seu texto, os Pireneus simbolizam também a travessia. São montanhas altas mas transponíveis: uma fronteira que se formou em solo comum e que não evitou as infiltrações inevitáveis e recíprocas. Entre a lenda e o processo de formação literária ele encontra, pois, um ponto de contato: ambas dizem o heroísmo e o amor, dois traços dominantes nas literaturas portuguesa e espanhola. Mas, a par esta identidade, há elementos que caracterizam uma e outra: a poesia épica espanhola é medieval, popular, continental, enquanto que a portuguesa é cultivada e oceânica, penetrada de um lirismo que se origina em Camões. E mais, segundo ele, o lirismo português é constitucional, enquanto o lirismo espanhol é uma aquisição erudita, surgindo na Espanha no século XII e, em Portugal, se expandindo apenas nos séculos XV e XVI.

A análise comparada lhe permite assim identificar diferenças e traçar peculiaridades, alertando para que se evitem os paralelismos falseados que aproximam mais do que distinguem. A confrontação textual, como prática indispensável, ajuda ao crítico compreender que a osmose dos gêneros, de obras ou de atitudes mentais pode ser mais freqüente entre literaturas não necessariamente fronteiriças, mas a outras, mais distantes mas de influxo mais efetivo e prolongado.

O estudo comparado recupera, no duplo movimento de agregação e de desagregação, o drama mesmo da nacionalidade portuguesa tal como o esboça Fidelino de Figueiredo, dividida entre a fatalidade de uma raiz ibérica e uma voluntária tendência não-iberizante. É, enfim, na análise da constituição das fronteiras que ele percebe as modalidades através das quais os dois povos peninsulares se afastam um do outro.

Tal estudo o leva a observar:

*Suponho que com o núcleo de idéias e o ponto de vista comparativo, exposto nas páginas precedentes, se explicará melhor a pouca permeabilidade da literatura nacional aos ventos de Espanha e que por eles se compreenderá melhor também a franqueza com que se lhes patenteiam os maiores espíritos, nos momentos de mais poderosa força criadora, Camões o primeiro. Suponho que assim se interpretará mais verossimilmente a assincronia que sempre corrige a inevitável paralelidade das duas literaturas e se chegará a um conceito mais justo da originalidade da criação portuguesa, do tipismo de suas diferenças infra-ibéricas e do tipismo das semelhanças das literaturas peninsulares adentro do conjunto romântico.*⁴

Nesta conclusão se lê, com nitidez, o intuito da aplicabilidade do método comparativista da forma como o autor o concebia, isto é, capaz de elucidar questões que a análise desenvolvida apenas no contexto da literatura nacional não permite resolver ou mesmo propor.

Já em *A Crítica literária como ciência*, onde postulava para a crítica "um campo de investigações próprio", um "ponto de vista próprio" e um "método próprio", formula sua concepção de "crítica comparativa", explicitando a questão:

*Muitas vezes no decurso destas investigações, o crítico reconhece que não é possível chegar a um resultado satisfatório, só adentro das fronteiras nacionais, só considerando a evolução literária nacional. Assim, por exemplo, o reconhecem quem estudar as origens do clacissismo neolatino e as do romantismo, em todas as literaturas. E, encontrando-se em frente de fatos inexplicáveis só pelo próprio desenvolvimento da literatura nacional, procedem a aproximações e proporá uma explicação pela influência de outras literaturas. Este trabalho, em que o crítico sai dos limites da literatura nacional, procedendo a indagações de causas, o que não é mais do que um alargamento do quadro das determinantes históricas, este trabalho é a crítica comparativa ou literatura comparada, se adotarmos uma designação menos exata mas mais divulgada. Logo se reconhece que a crítica comparativa não exige nenhuma diferenciação de métodos, pois que é somente um alargamento do como das investigações; exige, sim, o conhecimento profundo de duas ou três literaturas e línguas correspondentes, consideradas, no especial ponto de vista literário, como estilos.*⁵

POR UMA CRÍTICA COMPARATIVA

Como se percebe, a intenção de Fidelino de Figueiredo é de um procedimento confrontativo de natureza crítica. Possivelmente terá sido um dos primeiros a formulá-

⁴ Figueiredo, F. de Pyrene. Lisboa, Ed. da Empresa Nacional de Publicidade, 1935 (2ª ed. São Paulo, Com. Edit. Nacional, 1943).

⁵ Figueiredo, F. de Op. Cit. 1912.

lo em Portugal, conhecedor como era dos princípios da literatura comparada nascente e, além disso, pelo interesse particular do contraste da literatura portuguesa com as demais.

Interessa, portanto, transcrever o que o autor observa na obra de 1912, onde antecipa várias afirmações que fará, mais tarde, em Pyrene:

Mas às vezes quando se pratica a crítica comparativa, não para explicar determinado fato duma literatura nacional, mas para surpreender e evidenciar solidariedades espirituais, na lógica, que forçosamente existem, apesar da aparente diversidade das literaturas nacionais, e que formam como um fundo comum, que os críticos alemães, perfilhando uma designação de Goethe, chamam de Die Weltliteratur, então a crítica comparativa ganha fóros de especialidade autônoma.

É curioso observar, na reflexão de Figueiredo, a intuição da vocação da literatura comparada para a percepção globalizadora dos fenômenos literários que se converteria, no futuro, na orientação para uma poética comparada, alienando-a à teoria literária.

Além disso, percebe-se como o autor tinha a preocupação de esclarecer os campos e os modos de atuação comparativistas. Leia-se, nesse sentido, a seqüência de seu texto:

Sempre se comparou. Na comparação consistia o processo dos antigos, quando procuravam verificar se determinado autor atingira a beleza absoluta de Homero, de Ésquilo ou Píndaro, mas essa comparação era praticada sem espírito histórico, nem crítica. Somente no século XIX o nacionalismo dos românticos e o internacionalismo contemporâneo reclamaram uma atenção crítica para o estudo comparativo das literaturas nacionais. Sob a forma de avaliação, nasceu na Alemanha com Lessing, Herder, Schiller, Tieck e os irmãos Schlegel, e dela procedeu toda a moderna literatura alemã. Mas com os propósitos, que acima referimos só se constituiu em especialidade com os trabalhos de Posnet e Texte que foram verdadeiramente os seus teóricos.

Mas não só neles se ampara o autor; recorre a outras definições de literatura comparada, como o demonstra:

De crítica comparativa ou literatura comparada podem dar-se três definições, como judiciosamente pondera o crítico italiano, Sr. Benedetto Croce. A primeira será naturalmente a seguinte: literatura comparada é o ramo da crítica que emprega o método comparativo. Tomamos aqui o método comparativo na acepção vasta, que nas outras ciências ele tem, como todas as suas conjecturas, hipóteses e deduções apriorísticas. Logo se vê que nem sempre o método comparativo assim praticado terá prática útil na história literária. O Sr. Max Koch, na sua bem conhecida revista Zeitschrift für Vergleichende Literaturgeschichte, propõe uma outra bem mais reportada no assunto, por mais atenta ao que na literatura comparada há de característico: a literatura comparada tem por fim seguir o desenvolvimento das idéias e das

formas, e a transformação sempre nova de materiais iguais ou diferentes, nas diversas literaturas da antigüidade e do tempo moderno, e deve descobrir a influência de uma literatura sobre outras nas suas recíprocas relações. Acrescentando a esta concepção um aditamento pelo mesmo crítico norte-americano proposto, teremos uma noção completa, que delimitando o campo da literatura comparada, do mesmo passo lhe atribui uma grande atividade: a história literária comparada deve considerar todos os antecedentes da obra literária, vizinhos e longínquos, práticos e ideais, filosóficos literários.

Essas considerações, que nos possibilitam colher as inquietações surgidas diante de um comparativismo nascente, serão completadas pelo autor em Pyrene, onde reitera a necessidade do desenvolvimento de uma "*crítica comparativa das literaturas*", adotando os dois objetivos teóricos de seu tempo, um próximo, outro longínquo, como diz:

1° - Reconstituição das relações de duas literaturas entre si, diretas ou indiretas, em que uma seria a „c literatura emissora e outra a literatura receptora, havendo ou não uma literatura intermediária. A terminologia vem da obrinha de Van Tieghem.

2° - Descobrimto e demonstração da solidariedade espiritual, do fundo comum que está por detrás dessas coincidências e influências, a literatura geral ou a Weltliteratur de Goethe. (...)

Ora, não é difícil perceber que Fidelino de Figueiredo incorpora o movimento geral e as sistematizações dadas à disciplina por Van Tieghem em 1931. Delas, ainda, irá aprovar a orientação da "*crítica de fontes*", recurso amplamente difundido na prática comparativista da época, seja para traduzir a hegemonia criadora de uma literatura ou para traduzir uma seqüência de expressões de um mesmo motivo. Segundo ele, "*trazendo à evidência as fontes literárias estrangeiras ela incorpora-se na crítica comparativa; salientando as imitações nacionais, restabelecerá a continuidade literária, a tradição*".

No uso dessa "*crítica comparativa*" fica evidente que o autor buscava uma concepção mais dinâmica de história literária e que a prática comparativista lhe servia nessa transformação. Em *Características da Literatura Portuguesa*, ele expressa seu desacordo com as idéias de Brunetiere, em particular com a adoção do critério genético de "*caractère essentiel*" como primordial à periodização literária. Vinte anos mais tarde, em outro livro que importa aqui lembrar, intitulado *Cultura Intervalar* (1945), Fidelino de Figueiredo irá retomar a questão da periodização literária, de um ângulo

mais amplo, que envolve a vida cultural como um todo. Preocupar-se-á, então, em apontar o risco dos paralelos históricos como método de compreensão dos fenômenos, julgando cômoda e atraente a perspectiva da *"repetição da história"* que é, para ele, uma *"verdade incompleta"*. Consta que certos fenômenos se reproduzem mas acentua que a simples alusão ao passado não basta para a compreensão do presente. Este sempre apresentará aspectos novos e ignorados. Diz a respeito:

Recuamos assim da surpresa ante a novidade, primeira fase do saber, para o encontro de uma repetição, que pode equivaler a uma desistência de saber coisa nova. E isto é que é de todo falso, como método de conhecimento, e nada adianta para a compreensão da realidade. Estamos em frente de um complicadíssimo embrechado de fenômenos, alguns dos quais nos oferecem perspectivas conhecidas, mas temos que confessar que todos os lamentos, familiares ou desconhecidos, se entretecem numa síntese nova, absolutamente singular.

E acrescenta: *"Quem negaria a originalidade de uma grande epopéia, porque uma análise minuciosa tivesse chegado a reconstituir muitas das suas fontes de inspiração?"*

Como se vê, houve uma evolução do conceito de fontes, tal como era ainda formulado em Pyrene, minimizando a originalidade.

É ainda no texto de 45 que formulará a noção de *"intervalo suspensivo"*, a partir da concepção da Idade Média. Explicita que *"o que 'media' decorre entre extremas contrárias ao ambiente desse intervalo ou intermédio"*, desenvolvendo a idéia de intervalo ou interinidade entre as épocas como uma espécie de *"suspensão da cultura"*, momento de reelaboração de uma nova. Há, segundo ele, uma profunda força criadora nesses intervalos e concluirá que *"a nossa perspectiva moderna da história obrigar-nos-á a rever o tradicional esquema da cronologia universal"*.

A leitura extensiva da obra de Figueiredo comprova que a articulação entre perspectiva histórica e crítica se fortalece, que o autor não se deixa dominar pelos fatos nem pela interpretação genética deles; ao contrário, esboça uma tendência para uma *"história da literatura"* já centrada na questão dos gêneros e de literaridade. A crítica comparativa, nesse contexto, ajudava a elucidar questões históricas e, ao mesmo tempo, a esclarecer as características do literário no conjunto de suas formulações nacionais.

Em sua atuação como comparativista, Fidelino de Figueiredo dispunha de um referencial teórico datado. Questão de *"crítica de fontes"*, por exemplo, com o conhecimento dos procedimentos de produção textual e das relações intertextuais,

ganha hoje novos contornos. Contudo, isso não invalida a utilização que dá aos recursos de que dispunha nem interfere na importância de suas intuições sobre problemas ainda atuais e, em vários momentos, seus textos nos forçam a uma reflexão. É o caso de *Pyrene*, cuja leitura permanece estimulante.

TRANSPOSIÇÃO E PERMANÊNCIA DO MITO

A noção de fronteira é básica para os estudos de literatura comparada considerando que, desde seu surgimento, estabeleceu como objetivo central as relações entre duas ou mais literaturas ou, como o diz Van Tieghem em seu livro sistematizador, "*as influências recebidas ou exercidas*" pelas literaturas entre si. Dito de outro modo, tratava-se de acompanhar a transmissão, através de fronteiras nacionais, de sugestões literárias, temas, personagens, recursos. Ainda na obra de 1931, Van Tieghem dedica o capítulo inicial da segunda parte de seu livro a questões de princípios e métodos gerais, ocupando-se especialmente de "*fronteiras lingüísticas e literárias*". O primeiro aspecto que tenta precisar refere-se aos limites de uma literatura em uma dada época. Pergunta: "*quelle est la ligne frontière à partir de laquelle on peut parler d'étranger, d'influence étrangère ou sur l'étranger?*" Para ele, a resposta é fácil quando a área lingüística coincide exatamente com o território político, o que se dá na França, na Inglaterra ou na Espanha. Mas a questão é mais complexa quando não há coincidência. Frequentemente a língua de um país é falada e escrita além fronteira e a questão se formula diversa: "*faut-il annexer les oeuvres littéraires ainsi produites à la littérature nationale?*"

A questão, assim esboçada por Van Tieghem, é complexa e não se resolve, tal como ele o aponta, por uma ligação mais (ou menos) estreita de determinado autor com o país onde a língua em que escreve é dominante, embora aquela não seja sua pátria de origem. Van Tieghem menciona alguns casos conhecidos, entre os quais, os dos belgas Rodenbach e Verhaeren, admitidos na literatura francesa por gravitarem em torno a Paris como centro literário, ao contrário de Camille Lemonnier e de Toepffer, deixados respectivamente à literatura belga e à suíça. Sabemos que esta é uma das questões centrais da história literária, relacionada com a emergência das literaturas nacionais e teoricamente, hoje, equacionada pela noção de polisistema.⁶

Interessa, aqui, apontar a atualidade da questão e sua posição central nos estudos comparativistas. Além disso, a noção de fronteira é de um simbolismo rico. O duplo jogo a que ela alude, de junção e de separação, evoca toda a série de pares opositivos que abarcam grande número dos problemas que são objeto de análise nos estudos literários comparados:

nacional/internacional, localismo/cosmopolitismo, identidade/diferença, particular/universal, nas diversas formulações alcançadas. São pólos dialéticos que interessam à investigação comparativista, tal como a eles se refere Claudio Guillén em *Entre lo uno y lo diverso*, (1985)⁷. A diluição dessas oposições é significativa, aludindo aos novos paradigmas em literatura comparada nos quais a investigação inter-literária (a das relações e dos contactos) convive com a pesquisa intra-literária, mais voltada para a gênese e a tipologia dos fenômenos literários. Nessa mudança se reflete a coexistência de uma reflexão de ordem eminentemente histórica com outra, mais estruturada.

Nas modificações mais recentes se traduz uma nova formulação para o comparativismo, questão precipuamente examinada por Henry H. H. Remak, em *"The Future of Comparative Literature"* (1980), por Douwe Fokkema, em *"Literary History"* (1983), por Adrian Marino, em *Comparatisme et Théorie de la Littérature* (1988) e por Eva Kushner, em *"Articulation historique de la littérature"* (1990)⁸.

Recuperando o conceito de fronteira que Fidelino de Figueiredo propõe em Pyrene, a partir do estudo centrado na península ibérica, é curioso observar como o mito se reproduz em sua cadeia sugestiva no contexto americano. Colonizado por portugueses e espanhóis, o novo mundo vai repetir, no extremo meridional do Brasil, no século XVIII, o conflito ibérico. Durante o processo de fixação de fronteiras, na seqüência que remonta a uma divisão estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, em 1494, o Rio Grande do Sul e as regiões fronteiriças do Uruguai e da Argentina refazem o impasse ibérico. Como se sabe, essas regiões, onde se enraizaram as duas civilizações tão próximas como distintas, foi um território longamente disputado, uma fronteira oscilante para a qual cabe a expressão de Figueiredo de fronteira *"viva"*.

Guilhermino Cesar, que estudou longa e exemplarmente a questão do processo de ocupação do espaço no Rio Grande do Sul, apontou a penetração do espanhol nesse território em vários de seus textos, demonstrando como essa presença acelerou o povoamento no Sul do Brasil, criando condições para que se aprofundasse a ocupação, mediante o assentamento de colonos. Em *História do Rio Grande do Sul – período colonial –*, Guilhermino Cesar explica detalhadamente como se constitui essa fronteira móvel na qual se atritavam portugueses e espanhóis, em meio a contingentes humanos da mais

⁶ Sobre a noção de polisistema, veja-se Itamar Even-Zohar (1978), especialmente, nesse caso, os estudos "Russian and Hebrew: The Case of a Dependent Polysystem" e "Israeli Hebrew Literature: A Historical Model".

⁷ Guillén, Cláudio. Op. Cit. Barcelona, 1985.

⁸ Remak, H. H. Op. Cit. Actes du VIIIe Congrès de Littérature Comparée. Budapest. Akademiai Kiadó, 1980; Fokkema, D. Op. Cit. Tamkang Review, v. XVI, n° 1, Fall 1985; Marino, A. op. cit. Comparatisme et Théorie de la Littérature. Paris, PUF, 1988 e Kushner, E. Op. Cit. *Le système littéraire*. Paris, PUF, 1990.

variada procedência até afirmar-se na região a civilização luso-brasileira, "*imprimindo selo cultural próprio à população que ali vive*"⁹.

Retomar, portanto a literatura e Pyrene na análise da conformação da literatura sul-rio-grandense é rentável. A investigação mostraria como a consciência fronteiriça parece construir nos povos uma linha de resistência a partir da qual se afirmam as peculiaridades e que são as fronteiras humanas que se tornam muitas vezes intransponíveis. A questão é sem dúvida mais sociológica do que literária, mas pode ser esclarecedora com relação à constituição da literatura do Sul do país e, também, com relação aos aspectos que são comuns às literaturas dessa região fronteiriça e àquilo que as distingue, identificando-as.

Em questões como essa, que tratam da definição de peculiaridades no meio ao que é contíguo e aparentado, a literatura comparada contribui decisivamente, tornando-se indispensável a uma perspectiva historiográfica que queira dar conta dos problemas essenciais de uma dada literatura e não apenas ocupar-se de sua disposição cronológica.

É simples entender por que Fidelino de Figueiredo aderiu à prática comparativista em suas tentativas de avanço historiográfico. Resta ressaltar que foi dos primeiros a incorporar as contribuições do Brasil colonial à história literária portuguesa e dos primeiros, após Alexandre Herculano e Garrett, a reconhecer a autonomia da literatura brasileira em sua *História da Literatura Clássica* (1924), como o demonstrou Guilhermino César em seu livro *Historiadores e críticos do Romantismo* (a contribuição européia: crítica e história literária), em 1978¹⁰.

DE EÇA AOS LATINO-AMERICANOS

No ensaio sobre Eça de Queirós, intitulado "*Portuguesismo do romancista*" e publicado em *Um pobre homem da Póvoa de Varzim*, de 1945, Fidelino de Figueiredo analisa a questão do conflito entre localismo e universalismo. Identifica-a não apenas em Eça mas em todos os grandes escritores, definindo-a como uma certa "*dualidade de pequenez e grandeza*".

Referindo-se a Eça, escreve:

Não se adentrou intimamente pela natureza humana, em seus problemas gerais ou seus mistérios permanentes, como um Dostoiévski ou um Tolstoi, mas viveu intensamente o drama

⁹ César, G. Op. Cit. Porto Alegre, Ed. Globo, Col. "Província", 1956.

¹⁰ Cesar, G. Op. Cit. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

português, mesmo nas suas horas de maior afrancesamento. Foi sempre "um pobre homem da Póvoa de Varzim" que não cabia na Póvoa de Varzim e quis entender o mundo e queria fazer de sua Póvoa de Varzim uma Paris ou um Universo de suprema sabedoria¹¹.

Importa aqui transcrever o fragmento sobre Eça, pois Fidelino de Figueiredo, no ensaio citado, encontrará essa mesma dualidade nos; autores latino-americanos. Sobre esses dirá:

Cada um deles tem na origem uma Póvoa de Varzim e na extrema do horizonte uma Paris, uma Europa e, depois, um retorno à imensidade da terra americana.

O autor percebe, então, a divisão inerente ao escritor do novo mundo, sua cisão entre a expressão do local e ambiciosa inserção no universal, enfrentando, a seu modo, a questão que Machado de Assis claramente aponta como substantiva no clássico ensaio, "*Instinto de Nacionalidade*".

A reflexão de Figueiredo se amplia na referência ao sentimento de infinitude que, segundo ele, caracteriza o homem americano, sendo um sentimento peculiar às civilizações do "*espaço grande*" ou da "*tierra ancha*". Sobre isso diz: "*São homens de constituição geográfica, de certo modo telurizados de novo*", completando sua observação com dados sobre o isolamento dos povos no novo continente: "*Aquelas pátrias americanas compõem-se de pátrias pequeníssimas incomunicadas, dispersas pelos tais descampados*".

No ensaio em apreço, Fidelino de Figueiredo ocupa-se da recepção da obra de Eça no Brasil e, por isso mesmo, fará essas afirmações sobre os latino-americanos. A análise resulta, portanto, em conclusões de dupla ordem: diz-nos sobre Eça mas também sobre o contexto cultural no qual sua obra se difunde.

Para explicar a grande repercussão da obra de Eça nos países ibero-americanos, levanta ele quatro hipóteses: 1. tinham o mesmo francesismo de mediana burguesia; 2. a posição de sátira hiper-crítica ante a pátria; 3. a simplicidade expressiva da sua linguagem literária e, 4. a peculiar forma portuguesa do espírito de universalidade. Vê o autor uma ligação entre as duas primeiras hipóteses, pois, embora o afrancesamento espiritual tenha sido tão intenso em Portugal como no Brasil, adquiriu neste uma função explícita:

(...) ajudava-o a desespanholizar-se e a desportuguesar-se, porque era então a fase negativa da vontade de autonomia ante as

¹¹ Figueiredo, F. *Um pobre homem da Póvoa de Varzim*. 1º centenário do nascimento de Eça de Queirós – 1845-1945. Lisboa: Portugalia, 1945.

velhas metrópoles, como a reaproximação espiritual de Espanha e de Portugal cheirava sempre a recolonização.

A intenção de compreender as relações literárias através da prática comparativista se expressa ainda em outros ensaios do livro *Últimas Aventuras* de 1941: "*Os ingleses no Rio da Prata (1806-1807)*" e "*Lope de Vega: alguns elementos portugueses em sua obra*".

Estudos como esses comprovam que a contribuição de Fidelino de Figueiredo ao comparativismo literário é importante. O projeto esboçado em Pyrene pode ter sua continuidade em terreno onde a prática comparativista será sempre rentável, o da América Latina. É justamente no âmbito da história literária latino-americana que a orientação comparativista comprova a pertinência da ultrapassagem de fronteiras nacionais em busca de uma percepção integradora e global das literaturas que constituem esse contexto.